

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Março 2021

GUIA DE LEITURA

Rapariga, Mulher, Outra – Bernardine Evaristo



BERNARDINE EVARISTO

Biografia: Bernardine Evaristo nasceu no sudeste de Londres, em 1959, filha de mãe britânica e pai nigeriano. Autora de uma obra que inclui romance, poesia, contos, teatro e crítica literária, a sua escrita é caracterizada pela experimentação, ousadia e subversão na forma e escolha de temas, onde desafia os mitos e preconceitos das várias diásporas africanas e das suas identidades. O seu último romance, *Rapariga, Mulher, Outra* foi, ex-aequo com *Os Testamentos* (Ed. Bertrand, 2020), de Margaret Atwood, o vencedor do Booker Prize 2019, e Livro do Ano do

British Book Awards 2020. Evaristo nasceu em Eltham, sudeste de Londres, sendo batizada como Bernardine Anne Mobolaji Evaristo. É a quarta de oito filhos nascidos de mãe branca inglesa, que era professora e pai nigeriano, que migrou para a Grã-Bretanha em 1949 e tornou-se soldador e conselheiro trabalhista local. Evaristo foi educada no Greenwich Young People's Theatre (atualmente o Tramshed, em Woolwich), na Eltham Hill Grammar School for Girls, na Rose Bruford College of Speech and Drama e na Goldsmiths College, Universidade de Londres, onde obteve o doutoramento em escrita criativa em 2013. Em 2019, foi nomeada Laureada de Woolwich pelo Festival Internacional de Greenwich e Docklands, reconectando-se e escrevendo sobre a cidade natal que deixou aos 18 anos. O seu romance de 2014 foi *Mr. Loverman* (Penguin UK, 2013 / Akashic Books USA, 2014), sobre um londrino septuagenário das Caraíbas que é um homossexual secreto e considera as suas opções após um casamento de 50 anos com a esposa. Ganhou o prémio Editorial Triângulo Ferro-Grumley de ficção LGBT (EUA) e o Prémio Jerwood Fiction Uncovered. Em 2015, escreveu e apresentou um documentário em duas partes da BBC Radio 4, *Fiery Inspiration* - sobre Amiri Baraka e a sua influência na sua geração de escritores. Evaristo é colaboradora do *New Daughters of Africa*, uma antologia internacional da escrita de mulheres de ascendência Africana (2019), editada por Margaret Busby. Foi também juri de inúmeros prémios literários, incluindo o Concurso Nacional de Poesia da Sociedade de Poesia, o Costa Book Awards, o Goldsmiths Prize, o TS Eliot Prize, o Orange Award para Novos Escritores e os Poetas da Próxima Geração. É membro do conselho do African Poetry Book Fund nos EUA e juri em todos os seus prémios. Evaristo é patrocinadora do Prémio Literário SI Leeds. Em 2019, foi a juíza do Prémio Glenna Luschei de Poesia Africana e do Prémio Polari do Livro. Após ter ganho o Booker Prize, repudiou o conceito de apropriação cultural, afirmando ser ridículo o pressuposto de escritores não “escreverem além da sua própria cultura.”

Sinopse de *Rapariga, Mulher, Outra*:



As doze personagens centrais deste romance a várias vozes levam vidas muito diferentes: desde Amma, uma dramaturga cujo trabalho artístico frequentemente explora a sua identidade lésbica negra, à sua amiga de infância, Shirley, professora, exausta de décadas de trabalho nas escolas subfinanciadas de Londres; a Carole, uma das ex-alunas de Shirley, agora uma bem-sucedida gestora de fundos de investimento, ou a mãe desta, Bummi, uma empregada doméstica que se preocupa com o renegar das raízes africanas por parte da filha. Quase todas elas mulheres, negras e, de uma maneira ou de outra, resultado do legado do império colonial britânico. As suas histórias, a das suas famílias, amigos e amantes, compõem um retrato multifacetado e realista dos nossos dias, de uma sociedade multicultural que se confronta com a herança do seu passado e luta contra as contradições do presente.

"Rapariga, Mulher, Outra": contra o preconceito e pelo direito de se ser quem é ★★★★★

O aclamado romance de Bernardine Evaristo é atual e esclarecedor e expõe os preconceitos de uma sociedade multicultural que se confronta com a herança do passado e as contradições do presente.

12 set 2020, 11:21 2 Rita Cipriano | Observador

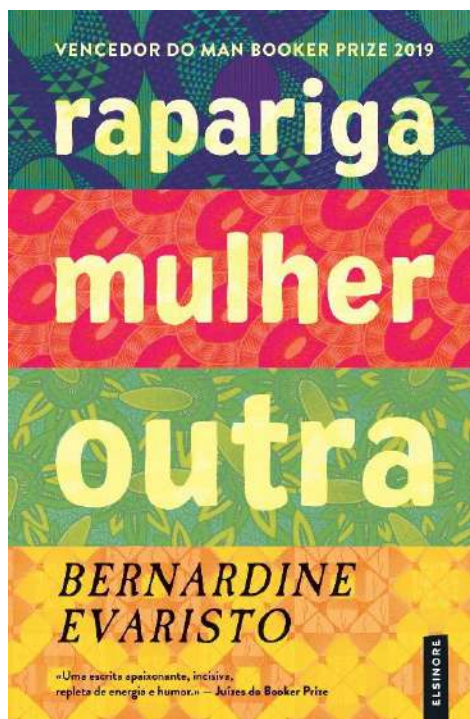


▲ Bernardine Evaristo partilhou o Booker Prize com Margaret Atwood, em 2019 - Getty Images

Em 2019, o impensável aconteceu: o Booker Prize foi não para uma, mas [para duas obras de ficção](#). As autoras não podiam ser mais diferentes — Margaret Atwood, de 79 anos, canadiana e branca; Bernardine Evaristo, de 49 anos, britânica de origem nigeriana e negra. A uni-las estavam dois romances que, apesar de descreverem universos absolutamente distintos, tinham em comum o tema que tratavam — os direitos das mulheres e o direito à diversidade. Apesar de irregular, quando observada mais de perto, a atribuição do Booker a estes dois livros e a estas duas autoras fez todo o sentido.

Ao contrário de *Os Testamentos*, [o regresso de Atwood ao universo distópico de Gilead](#), o romance de Evaristo, *Rapariga, Mulher, Outra*, pretende ser um retrato do mundo real, mais especificamente da sociedade britânica atual, que surge apresentada não num vácuo temporal, mas dentro de um contexto histórico que permite percebê-la (mas não necessariamente compreendê-la). Este contexto passa obrigatoriamente pelo império britânico e pelo seu legado — por um lado, a

multiculturalidade das ruas de Londres, cidade onde a maioria da ação compreensivelmente se passa, e por outro a agressividade e o racismo contra os imigrantes.



Rapariga, Mulher, Outra, de Bernardine Evaristo, foi publicado no início deste mês de setembro pela editora Elsinore

As contradições deste presente, em que passado e futuro entram em choque, é personificado pelas personagens de *Rapariga, Mulher, Outra*, maioritariamente mulheres negras e filhas de imigrantes que se mudaram para o Reino Unido à procura de uma vida melhor. Cada uma tem o seu capítulo e cada uma tem a sua voz. Juntas, em conjunto com as suas famílias e redes de amigos e conhecidos, formam um intrincado e interligado quadro social, que se pretende realista e multifacetado, e que serve para expor os vários preconceitos que envenenam a sociedade britânica. Porque, apesar de se focar na questão do racismo, sobretudo contra as mulheres negras, o romance não é alheio a outros problemas sociais, como o machismo, a homofobia, a violência doméstica ou o preconceito social. A personagem principal, aquela em direção à qual todas as outras convergem, é Amma, uma dramaturga negra e lésbica que após uma longa carreira de parcos sucessos consegue estreiar uma peça no National Theatre, em Londres, sob uma retumbante chuva de aplausos. Com um elenco composto integralmente por mulheres negras, *A Última Amazona do Daomé* quer chamar a atenção do *mainstream* para questões que sempre foram caras a Amma — o feminismo e a defesa dos direitos das mulheres negras. A personagem é inspirada na própria Bernardine Evaristo que, nos anos 80, fundou no Reino Unido a primeira companhia de atrizes negras — a Theatre of Black Women. No livro, Emma também cria a sua própria companhia, a Bush Women Theatre Company, com a melhor amiga, Dominique, posteriormente vítima de violência psicológica por parte da companheira abusiva, Nzinga, de quem se vê obrigada a fugir. Dominique é totalmente diferente de Shirley, outra amiga de longa data de Amma. Filha de imigrantes caribenhos, Shirley é professora de História numa escola secundária onde a população escolar vem sobretudo de famílias carenciadas. Após

anos de trabalho, o entusiasmo inicial (Shirley sonhava mudar a vida dos alunos, tal como conseguiu mudar a sua, inspirando-lhes o gosto pela História) dá lugar a uma frustração sem fim. O aprumo com que se vestia para as aulas transforma-se em desleixo; a boa disposição em sarcasmo. Apesar de infeliz, Shirley não muda de escola ou de profissão. Presa à estabilidade de um dia a dia que conhece de trás para a frente, não arrisca. Já Dominique, depois de ter sido abusada e enganada por Nzinga, decide refazer a sua vida nos Estados Unidos da América, para a onde a companheira a levou, alcançando o sucesso.

Abertamente feminista, *Rapariga, Mulher, Outra* não é uma obra fechada — dentro do seu feminismo, existem muitos feminismos, teorias e abordagens diferentes que, tal como a multiplicidade das suas personagens, recorda-nos que o mundo não tem uma só cor. O feminismo de Dominique, uma ativista da velha guarda que é atacada por Morgan, uma pessoa com identidade não-binária mais jovem do que ela, devido a um festival que organiza em Los Angeles, não é necessariamente o mesmo de Yazz, a sua jovem afillhada, filha de Amma. Isso faz com que o livro seja profundamente informativo e educativo.

O racismo ou o machismo podem ser temas pesados, mas a leitura de *Rapariga, Mulher, Outra* faz-se de forma fluida. O discurso oralizado contribui para isso, assim como as histórias credíveis, que agarram. Outro ponto a favor é a mestria com que a autora soube contrabalançar momentos de grande tensão e violência, de que é exemplo a violação coletiva de Carole, ex-aluna de Shirley, com momentos bem humorados.

Independentemente da origem ou percurso pessoal, há uma coisa que as 12 personagens do romance têm em comum — uma necessidade de afirmação. Todas estão, de uma forma ou de outra, à procura de um lugar seu, onde podem ser elas próprias. Morgan descobriu esse lugar com a ajuda de Bibi, a companheira transexual que encontrou quando estava a tentar encontrar-se a si próprio; Carole renegou às suas origens nigerianas para se integrar num mundo de homens brancos, o que muito desgostou a sua mãe, Bummi; já Penelope, para quem Bummi trabalha como empregada doméstica, a única branca da história, faz as pazes consigo e com o mundo quando descobre a sua mãe biológica, Hattie, e que esta é de origem africana. É da boca da professora de Literatura Inglesa que saem as palavras que podem servir para resumir *Rapariga, Mulher, Outra*: “É fácil esquecer que a Inglaterra é feita de muitas Inglaterras”. No mundo, cabem muitos mundos.

O romance da anglo-nigeriana Bernardine Evaristo é um retrato da sociedade britânica atual, uma reflexão sobre o seu passado e um olhar mais ou menos esperançoso sobre o futuro, nas mãos de uma nova geração que quer e que luta por um mundo mais igualitário. Desmascarando preconceitos, Evaristo mostra como noções conservadoras e mal informadas sobre raça, classe social, género ou sexualidade podem minar a forma como nos entendemos — ou devemos entender — uns aos outros.

Numa altura em que os direitos das minorias ocupam um lugar central na discussão pública, *Rapariga, Mulher, Outra* é uma leitura essencial e muito esclarecedora acerca da maravilhosa diversidade do mundo, da busca pela verdadeira identidade e do direito inquestionável a tê-la.

Manas, babes, divas, damas (e etc) no livro “Rapariga, Mulher, Outra”, de Bernardine Evaristo

SÍLVIA SOUTO CUNHA 30.11.2020 | Visão / Se7e



Foto: David Levenson/Getty Images

Vital e revolucionário, triunfante e terno. O romance "Rapariga, Mulher, Outra", de Bernardine Evaristo é uma polifonia criada para mudar vidas - incluindo as dos leitores

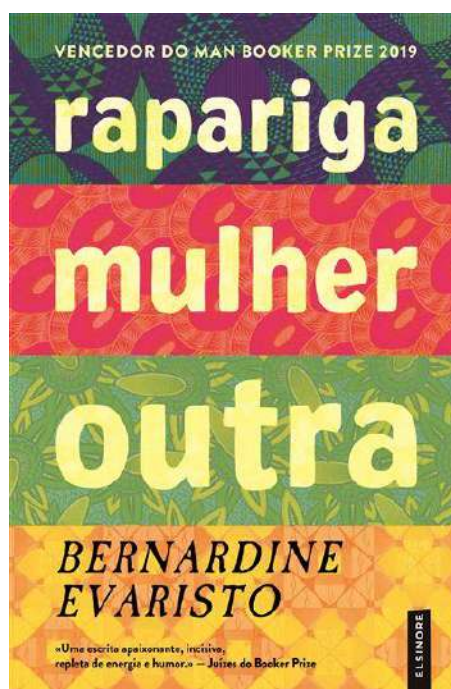
Com um rastilho de galardões, a britânica Bernardine Evaristo não quer e não precisa de boa vontade extraliterária por parte dos seus leitores. *Rapariga, Mulher, Outra*, o seu primeiro romance traduzido em Portugal, é vigoroso e empoderador, com tiradas inteligentes lançadas em tom desempoeirado, arrumando parágrafos como frases poéticas ou secções rítmicas de jazz.

Obra polifónica, mescla as vozes de uma dezena de personagens, cada uma em capítulos próprios, como que chamadas ao palco para monólogos sucessivos. Não será mera preferência narrativa o facto de o livro abrir com Amma, encenadora e dramaturga, lésbica praticante da “devassidão multirracial”, ativista que passou décadas como “uma pária a lançar granadas à ordem estabelecida que a excluía” até ser absorvida pelo sistema – isto é, o National Theatre, quando esta instituição tem a sua primeira diretora artística mulher.

***Rapariga, Mulher, Outra* (Elsinore, 480 págs., €21,98) venceu vários prêmios: livro e autor do ano nos British Book Awards e o prestigiado Man Booker, ex aequo com *Os Testamentos*, de Margaret Atwood**

Ela é a primeira de um ensemble de mulheres negras, cujas décadas de vida aqui se revelam, em luta contra os sistemas: patriarcal, racial, familiar, material... Aqui, todas as black lives contam e se contam – sejam as de Shirley, professora que entendia ter de ser “uma embaixadora de cada pessoa de cor neste mundo”, ou de Yazz, filha de Amma, a navegar em amizades sem preconceitos, ou da empregada doméstica Bummi, mãe da gestora de fundos Dominique, que se atormenta com o distanciamento das raízes e a apropriação (capitalista?) pelos “ingleses ricos” de tudo o que lhe é valioso. Ou ainda Megan-Morgan, com sangue etíope, afro-americano, malawiano e inglês, tantas bagagens identitárias, que escolhe uma identidade não binária. E outras, filhas da invisibilidade representativa, na arte e na rua.

Evaristo apresenta, aqui, um manifesto ideológico e identitário amplo: aborda questões raciais, mas igualmente as lutas feministas, a tirania dos padrões de beleza, as heranças coloniais, as armadilhas do amor e as escolhas de vida, sempre políticas e celebratórias.



“Rapariga, Mulher, Outra”, entre personalidades de uma identidade negra

por Paula Cardoso | AfroLink

Livro de ficção do ano nos British Book Awards 2020, vencedor do Man Booker Prize de 2019, e indicado para vários outros prémios literários, “Rapariga, Mulher, Outra”, da escritora Bernardine Evaristo, estreia-se hoje no mercado editorial português, sob a chancela Elsinore, do Grupo 20|20. Com ele chegam-nos 480 páginas de intersecções humanas, sobretudo femininas e negras, numa viagem por ancestralidades e diásporas africanas, destinos de exclusão e segregação racial, e um sem número de sinuosidades identitárias. Inebriante.

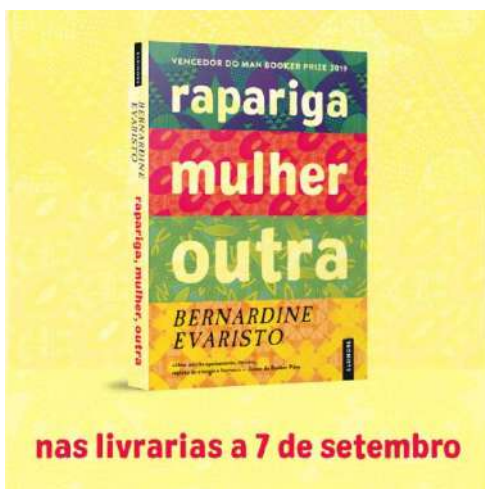


A lista de aclamações não pára de aumentar. Desde o lançamento em Inglaterra, em maio de 2019, “Girl, Woman, Other”, oitavo romance da anglo-nigeriana Bernardine Evaristo, continua a somar distinções.

Em prémios literários, contam-se troféus no Man Booker Prize de 2019 e nos British Book Awards 2020 – de onde saiu com os títulos de livro de ficção e autor do ano. Em publicações na imprensa, multiplicam-se as referências como “melhor livro de 2019”. Finalmente, em recomendações pessoais, destacam-se, entre outros, o reconhecimento do ex-Presidente dos EUA, Barack Obama.

O sonoro coro de louvores, dirigido a “Girl, Woman, Other”, consagrou Bernardine Evaristo como a primeira mulher negra a conquistar o Prémio Booker (que arrebatou ex-aequo com a canadiana Margaret Atwood). A distinção pioneira repetiu-se nos British Book Awards, em que, juntamente com a estreante de origem jamaicana Candice Carty-Williams – autora de “Queenie” (vencedor do ‘Livro do Ano’) –, inaugurou a galeria dos autores negros galardoados na prestigiada tribuna literária.

É com este longo e destacado rasto de méritos – a que, na próxima quarta-feira, 9, se pode juntar o Women’s Prize for Fiction –, que “Girl, Woman, Other” se estreia no mercado português.



Sob a chancela Elsinore, do Grupo 20|20, a obra-estrela da escritora anglo-nigeriana está à venda, a partir desta segunda-feira, 7, com o título “Rapariga, Mulher, Outra”.

“É incrivelmente gratificante saber que o meu trabalho está finalmente a atingir um público leitor mais vasto”, congratula-se Bernardine Evaristo, consciente do momento de “auto-interrogações” que a indústria editorial vive, a partir do movimento Black Lives Matter.

Toda a humanidade em 12 personagens

“É fantástico, também, ver tantos outros livros de escritores de cor invadirem as tabelas. Tenho quase a certeza de que é um fenómeno sem precedentes. É claro que foi desencadeado pela tragédia da morte de George Floyd, e devemos sempre lembrar-nos disso”, sublinhou a escritora, citada pela Elsinore, na mensagem de divulgação do livro.

Com 480 páginas de intersecções humanas, sobretudo femininas e negras, “Rapariga, Mulher, Outra” guia-nos numa viagem por ancestralidades e diásporas africanas, destinos de exclusão e segregação racial, e um sem número de sinuosidades identitárias.

O roteiro, percorrido ao ritmo de 12 mulheres negras – uma das quais deixa de se chamar Megan para assumir uma identidade não-binária na pele de Morgan –, atravessa conceitos de raça, classe social, género e sexualidade. Como um mapa-mundo de humanidade, bem demarcado na dedicatória: “Para manas & as babes & as babys & as sistahs & as mulheres & as divas & as deusas & as damas & os malandros & os manos & os damos & os cavalheiros & os homens & os brothas & a irmandade LGBTQI+ da família humana”. Cabem todos em “Rapariga, Mulher, Outra”.

Identificação negra e o necessário acolhimento de novas vozes

Bernardine Evaristo é filha de mãe inglesa e pai nigeriano, nasceu em Inglaterra em 1959, e cresceu no sul de Londres. Eu nasci em Moçambique em 1979, filha de pais moçambicanos, com ascendências portuguesa e chinesa, e cresci nas periferias de Lisboa. Não fôssemos ambas negras e, palpito eu, pouco daquilo que Bernardine Evaristo escreve ressoasse como ressoa em mim.

Directa ou indirectamente, as experiências presentes em “Rapariga, Mulher, Outra” estão entrelaçadas às minhas próprias vivências, e às das minhas irmãs, amigas e ancestrais africanas e afrodescendentes.

Os exemplos de identificação com a narrativa de Bernardine – como se cada personagem pertencesse ao meu círculo social e familiar –, sucedem-se ao longo das 480 páginas do livro.

Da necessidade de “aprender tudo quanto pudesse sobre a herança negra, a sua história, a cultura, a política, o feminismo”, vivida por Dominique; à interiorização do ideal de beleza branco reportado pela mãe de Amma – “Ela disse-me que sempre se tinha achado feia e que isso só parou quando os africanos lhe disseram que não, que era bonita” –; passando pelo confronto diário com micro-agressões racistas, bem expresso na rotina de Carole. “(...) só há um problema, é ela não conseguir parar de recordar cada pequena humilhação, os colegas que a elogiam por se expressar tão bem, incapazes de disfarçar a surpresa...”.

Por cada história que me é dada a conhecer em “Rapariga, Mulher, Outra” – às partilhas de Amma, Dominique e Carole juntam-se as de Yazz, Bummi, LaTisha, Shirley, Winsome, Penelope, Megan-Morgan, Hattie e Grace –, encontro mais e mais reflexos da minha identidade negra.

O difícil acesso ao centro para quem sai das margens – “para chegar àquela universidade com tão longa história, teve de apanhar um autocarro, depois o metro, depois um comboio...”; o sentimento de solidão – “na primeira semana contou pelos dedos de uma mão as pessoas de pele escura, sendo ela a mais escura de todas” –; as opressões da “aceitação” – “alisou o cabelo riçado, e quanto Marcus comentou que o preferia ao natural, ela respondeu que, usando-o dessa maneira, jamais arranjará emprego”.

Tudo isso acontece em Inglaterra, e tudo isso acontece também em Portugal. A diferença é que, por cá, o mercado editorial parece desinteressado de vozes negras locais, o que ressalta da leitura de obras de autores negros que começam a ser editados no país. Apesar do ligeiro avanço que se nota, o facto de as traduções estarem desligadas das identidades retratadas nessas publicações – observação a que “Rapariga, Mulher, Outra” não é imune –, causa algumas estranhezas de expressão.

Falta compreender que dotar os catálogos de representatividade também é isto: perceber que há pertenças com códigos de linguagem próprios, e reconhecê-las na criação das equipas. Idealmente tão diversas quanto a nossa humanidade.

Bernardine Evaristo vence British Book Awards, livro chega a Portugal em setembro

A Elsinore é a editora que vai publicar em Portugal o romance de Bernardine Evaristo, com o título *Rapariga, Mulher, Outra*.

IPSILON – Público 30 de Junho de 2020, 23:31



A autora Bernardine Evaristo, “autora do ano” nos British Book Awards, candidata ao Women's Prize for Fiction e vencedora do Booker Prize, chega ao mercado editorial português no dia 7 de Setembro, com o premiado romance *Girl Woman Other*.

A escritora britânica Bernardine Evaristo venceu na segunda-feira o prémio “autora do ano” nos British Book Awards, tendo vencido também na categoria “Livro do Ano de Ficção”, com *Girl Woman Other*.

Deste modo, Bernardine Evaristo tornou-se a primeira mulher negra a vencer o mais conceituado prémio literário britânico, feito igualado pela também escritora negra britânica Candice Carty-Williams, que venceu o mesmo prémio, na categoria “Livro do ano”, com *Queenie*.

No ano passado, Bernardine Evaristo, que é uma das principais activistas da inclusão no mundo literário no que toca à cultura africana, já tinha entrado para a história como a primeira mulher negra a ganhar o Prémio Booker (galardão que venceu ex-aequo com a canadiana Margaret Atwood).

A Elsinore, editora que vai publicar em Portugal o romance de Bernardine Evaristo, com o título *Rapariga, Mulher, Outra*, recebeu com “muita satisfação” a notícia da premiação da autora, que está ainda entre as finalistas ao Women's Prize for Fiction, precisamente com a mesma obra.

“Bernardine é a primeira autora negra a vencer este prémio, facto que está a ser realçado na imprensa, fruto de um dos temas que domina a

atualidade: *#blacklifematters*”, destaca a editora, pertencente ao grupo 2020.

Reagindo ao prêmio, Bernardine Evaristo reconheceu como “este é um momento tão interessante” na história cultural, “porque [o movimento Black Lives Matter](#) gerou uma quantidade sem precedentes de auto-interrogações na indústria editorial”.

“Eu já estava a adaptar-me a ver o meu nome na lista dos mais vendidos ao longo de 20 semanas, fora e dentro, mas, depois, alcançar o topo e, a seguir, aperceber-me de que fui a primeira mulher de cor a chegar lá, desde o início dos registos, bem, é muito para assimilar”, afirmou.

Assinalando que já escreve há muito tempo, a escritora confessou que “é incrivelmente gratificante” saber que o seu trabalho “está finalmente a atingir um público leitor mais vasto”.

“É fantástico, também, ver tantos outros livros de escritores de cor invadirem as tabelas. Tenho quase a certeza de que é um fenómeno sem precedentes. É claro que foi desencadeado pela tragédia da [morte de George Floyd](#), e devemos sempre lembrar-nos disso”, frisou.

Rapariga, Mulher, Outra é um livro sobre histórias de vida entrecruzadas de 12 mulheres negras dos séculos XX e XXI, a maioria a viver no Reino Unido, que compõem um retrato realista da sociedade britânica contemporânea.

“Romance brilhantemente escrito, que repensa as questões de identidade étnica, de género e de classe, com o pano de fundo do colonialismo e da diáspora africana de língua inglesa”, refere a Elsinore, sublinhando a “força narrativa” e o “estilo cativante”, que compõem um “empolgante mosaico de história de vida”.

Bernardine Evaristo, filha de mãe inglesa e pai nigeriano, nasceu em Inglaterra, em 1959, e cresceu no sul de Londres.

Autora de oito obras de ficção, ensina escrita criativa na Brunel University London, e é membro da Royal Society of Literature, bem como da Royal Society of Arts.